



## OS TRAÇOS DA ORALIDADE NA ESCRITA NO 9º ANO DA EMEF BOM JESUS

Gilsane Monteiro (G-PARFOR/UFPA)

Orientador: Elson de Meneses (UFPA)

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar as marcas da oralidade presentes em produções textuais escritas por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, da escola Bom Jesus do Rio Sarapoy, na cidade de Gurupá. Para isso, tomamos como referencial teórico autores que trazem discussões pertinentes sobre o assunto, como: Marcuschi (2008, 2010), Cagliari (2002), Bakhtin, (1992), Ferreiro, Emilia (2011). Como processo metodológico, foram coletadas produções textuais realizadas pelos alunos, com o propósito é observar quais processos fonológicos são empregados nos textos escritos desses alunos e a partir dessas observações, entender o processo de aquisição da escrita. Os textos comprovaram que a maioria dos alunos tem dificuldades em escrever segundo as normas ortográficas e que muitos deles ainda se baseiam nos saberes da oralidade na construção de suas hipóteses escritas.

**PALAVRAS-CHAVE: Alunos. Escola. Relação Oralidade. Escrita.**

### Introdução

A comunicação faz parte da vida de todos nós. Para isso usamos a linguagem verbal, oral e escrita, gestos, expressão, imagens, o indivíduo ao longo de sua vida vai aprendendo a estruturar os enunciados de acordo com as situações nas quais participa. Isso significa que diferente situação de comunicação requer diferentes formas de se organizar sobre o que falar ou escrever.

Historicamente de acordo com as necessidades de comunicação nos grupos sociais em diferentes épocas, foram desenvolvidas outras maneiras de se organizar os textos orais e escritos.

Para se comunicar a distância surge a carta, o telefonema. Para informar as características e a dosagem de um remédio: a bula.

Assim, foram surgindo formas de enunciados, de estrutura de textos. O filósofo russo Bakhtin (1895-1975), padroniza essas formas de **gênero do discurso**, para se inserir na sociedade o indivíduo se comunica aprendendo a moldar nossa fala ao gênero como também perceber o gênero na fala do outro, facilitando a compreensão. Conhecer diversos gêneros textuais faz parte da construção da cidadania. Em decorrência disto faz todo o sentido que os gêneros sejam usados como objeto de ensino dentro da escola. Na perspectiva de Bakhtin:

Assim, quando falamos ou escrevemos, lemos ou ouvimos, nos os fazemos dentro do gênero do discurso adequado a situações de comunicação. Em cada esfera de atividade social, os falantes utilizam a língua de acordo com gêneros de discurso específicos que são construídos, codificados coletivamente. Somos sensíveis desde o início de nossas atividades de linguagem aos gêneros de discurso adequado a cada esfera de atividade. Assim, quando um indivíduo fala/escreve ou ouve/lê um texto, ele, de antemão, tem uma visão como um “todo acabado” justamente pelo conhecimento prévio dos gêneros que ele adquiriu nas suas relações com a linguagem.



Segundo Marcuschi (2001, p. 21), “a oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora: ela vai desde uma realização mais informal a mais formal nos vários contextos de uso”.

O aluno de modo geral fala dialetos socialmente desprivilegiados. Por isso alguns educadores tem a concepção de que os erros ortográficos de seus alunos estão relacionados somente ao modo de falar. Sabemos que hoje a aprendizagem da ortografia tem uma maior relação com a convivência sistemática com textos expressos do que com o dialeto do aluno. O objetivo de se ensinar a língua materna é de que o educando aprenda a se comunicar de forma eficiente. Nesse sentido, o aprendizado dos gêneros textuais, tanto escritos como orais, se torna importante, pois é por meio deles que se comunica, segundo Bakhtin (1992), “sem os gêneros textuais seria impossível a comunicação”. Por esse motivo, deve-se dar aos alunos mais possibilidades de ler, de escrever textos, de se expressar, de aprender gramática e ortografia de forma mais dinâmica em função da comunicação.

### **As relações entre linguagem oral e linguagem escrita**

Durante muito tempo se estabeleceu a diferença entre linguagem oral e a linguagem escrita constituindo uma prática adotada entre os educadores. Entretanto o objetivo deste trabalho é olhar para esse assunto de outra maneira.

Desde o seu nascimento, o indivíduo tem necessidade de se comunicar, e essa necessidade que leva a princípio o desenvolvimento da linguagem. Para se comunicar o bebê chora e se expressa corporalmente, com o tempo essa comunicação vai se transformando, surgem os balbucios em seguida a fala. Desta interação vão surgindo outras formas de se comunicar. A fala ganha o lugar do choro, depois de um tempo, é possível se comunicar por meio da escrita. Segundo Geralde (2006, p.34), as crianças têm total capacidade de aprender as regras necessárias para fala “Se as línguas são sistemas complexas e as crianças aprendem de uma coisa podemos ter certeza: elas não são incapazes”. Inseridas em nossa cultura, elas interagem aprendem e ensinam.

A criança hoje em dia está entrando na escola cada vez mais cedo. Quando entra na educação infantil ela se depara com um novo ambiente, se depara com pessoas que não são de sua família. Nesse novo ambiente a criança vai se comunicar e interagir de maneira igual ou diferente de como costuma fazer em casa. Durante a alfabetização e nos próximos anos do Ensino Fundamental, a criança é preparada para conseguir detectar e usar regras que regem a comunicação verbal, que se diferenciam bastante dos outros meios de comunicação com os quais ela tinha contato e compreendido até então. Segundo Nunes (2006, p. 89):



Não é preciso ensinar (formalmente) ninguém a falar. A aquisição da linguagem oral se dá naturalmente, no contato com falantes de uma determinada língua, enquanto que a escrita precisa ser ensinada. E, se a escrita precisa ser ensinada, precisamos nos ater à melhor forma de fazer isso.

A linguagem é entendida como atividade de comunicação entre interlocutores, que só produz sentido na interação entre falante e ouvintes ou entre quem escreve e quem lê. Portanto ao falar da linguagem se faz necessário mencionar o ponto de vista discursivo.

Os discursos são produzidos nas diferentes esferas de atividade humana, (uma reunião, uma aula, um encontro). Cada uma dessas esferas exige dos participantes do discurso o uso de um gênero específico do discurso. De acordo com Brandão (2009, p. 16)

é discurso tudo que o homem fala ou escreve, isto é, produz em termos de linguagem. Dessa forma, há um número enorme é bastante variável de discurso produzidos ou que estão sendo produzidos na sociedade [...]. Os discursos são produzidos de acordo com as diferentes esferas de atividade humana. [...]. Os gêneros do discurso são, portanto, diferentes formas de uso da linguagem conforme as esferas de atividade em que o falante escritor está engajado.

De acordo com Marcuschi (2008), a oralidade equivale a uma prática social “[...] interativas para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundadas na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso”. Ou seja, conforme o autor, a diferença que há entre fala e escrita são os aspectos formais, estruturais e semiológicos, modo que apresentamos a língua em forma de códigos (sonoro e gráfico).

### **A linguagem oral nas praticas escolares**

Tradicionalmente, o estudo da língua materna no Brasil esteve associado à exploração do conteúdo da gramática. Os livros didáticos reproduziam essa realidade, e o aluno frequentemente é inserido a um ensino de Língua Portuguesa desvinculada de seus contextos de uso, limitados nos limites da palavra e frases descontextualizadas. Ao falar sobre o trabalho com a linguagem oral na escola, não há como deixar de comparar a importância que geralmente se dá a ela com a importância que se dá à escrita. Atualmente o que predomina nos estudos da linguagem é que se pode manter uma relação complementar entre as duas modalidades linguística. Nesse sentido, Marcuschi (2010, p. 17 grifos do autor) traz um debate relevante para o quanto equivoca dos estudos sobre a relação entre fala e escrita quando escreve que:

Sob o ponto de vista mais central da realidade humana, seria possível definir o homem como um ser que fala e não um ser que escreve. Entretanto, isto não significa que a oralidade seja superior à escrita, nem traduz a convicção, hoje tão generalizada, de que a escrita é derivada e a fala é primária. A escrita não pode ser tida como uma representação da fala. É pertinente a discussão que o autor traz. Pois no momento da escrita, não se pode reproduzir alguns fenômenos que são próprias da fala um exemplo disto é a gestualidade, movimento do corpo, entre



outros. Enquanto a escrita traz características próprias é que não aparecem na fala, como tipos e tamanhos de letras entre outros.

Nesse sentido, a oralidade e a escrita são práticas e uso da língua e cada uma tem sua característica. Porém dois sistemas linguísticos diferentes. A fala e a escrita não podem ser tratados como sendo uma superior a outra. Segundo Marcuschi (2010, p. 21), “A passagem da fala para a escrita não é a passagem do caos para a ordem: é a passagem de uma ordem para outra ordem”. A fala apresenta elementos gramaticais, como as pausas, alongamentos de vogais e consoantes, repetições etc., no momento em que falamos, usamos todos esses recursos que são característicos da fala e que não é possível ser levado para escrita que por sua vez é vista como estruturada, complexa e formal, a psicóloga e educadora Emília Ferreira (*psicogênese da língua escrita* 1985. P. 22.) afirma:

No lugar de uma criança que recebe pouco a pouco uma linguagem inteiramente fabricada por outros, aparece uma criança que reconstrói por si mesmo a linguagem, tomando seletivamente a informação que lhe provê o meio.

Nessa perspectiva, a psicóloga analisa o processo de construção do sistema de escrita realizado pela criança, os estudos feitos por Emília mostram que ela levanta hipóteses para entender o sistema alfabeto, levando em consideração nomes, letras e palavras que conhecem relacionando o saber que possuem com o que acontece em sua volta e conceitualizando suas hipóteses sobre nosso sistema alfabético de escrita

## METODOLOGIA

A escrita e a fala são modalidades particulares da língua, no entanto, nota-se que há características de uma encontrada na outra. Diante desse fato, e para cumprimento do objetivo deste trabalho, foi solicitado aos alunos do 9º ano da escola Bom Jesus localizada na zona rural do município de Gurupá, que fizessem uma redação do gênero memórias literárias, para avaliar os aspectos da escrita seguindo os critérios especificados na gramática normativa. A turma escolhida é composta por 16 alunos, a partir da escolha da turma, entrou-se em contato com a direção escolar para apresentar o objetivo de estar coletando os dados para a pesquisa, que consistia em solicitar aos alunos que a partir de uma conversa com pessoas idosas da comunidade, construíssem textos de memórias. Ao eleger essa metodologia para a coleta dos dados, levou-se em consideração que os objetivos deste trabalho eram investigar se existiam marcas de oralidade nos textos escritos pelos alunos da turma pesquisada, para análise, foram coletados cinco textos produzidos pelos alunos. Após a análise do material coletado, confirmou-se a presença de traços da oralidade na escrita. Vale ressaltar que esta pesquisa não tem pretensão de abordar todas as variações fonéticas e ortográficas presentes nos textos dos alunos pesquisados. Porém será de grande ajuda para um melhor entendimento das inadequações mais presentes nas produções de textos escritos desses alunos.

ANAIS DO II COLÓQUIO DE LETRAS DA FALE/CUMB - **FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ENSINO, PESQUISA, TEORIA.** Breves-PA, 4, 5 e 6 de fevereiro de 2015. ISSN 2358-1131



Nesse sentido com intuito de investigar essa relação entre fala e escrita, recorreu-se a um levantamento de fenômenos fonológicos variáveis em que se observa uma notável influência da escolaridade.

De acordo com Cagliari (2014), a criança não escreve de maneira aleatória; ela usa a fala como referência para escrita e não comete “erros” por distração. As crianças, por causa da interação chegam a escola trazendo conhecimentos de diferentes formas sobre a escrita e após aprender o código alfabético, precisa ainda dominar a ortografia da língua, sendo que o sistema de escrita do português não mantém uma relação direta entre letras e sons.

Cagliari (2014) diz que a criança não precisa escrever gramática para começar a escrever, pois já domina a língua portuguesa oralmente, a dificuldade é que o aluno não aprende a forma ortográfica no seu primeiro contato com o alfabeto. A maioria das escolas não permite que a criança faça seu aprendizado da escrita como fez da fala. Ela não tem liberdade de errar, tentar, perguntar. Quando isso acontece, Cagliari diz:

Uma criança que escreve *disi* não está cometendo um erro de distração, mas transportando para o domínio da escrita algo que reflete sua percepção da fala. Isto é, a criança escreveu a palavra não segundo sua forma ortográfica, mas segundo a moda com que ela pronuncia. Em outras palavras, fez uma transcrição fonética. Por outro lado, a criança que leia a palavra *disse* dizendo duas sílabas de duração igual está transportando para a fala algo que a escrita insinua [...] (CAGLIARI, 2004, p.30)

Para ajudar nas dificuldades dos alunos ao escrever, os professores precisam analisar os erros cometidos por eles. Para ter conhecimento dos erros ortográficos, Cagliari apresenta algumas categorias. Segundo ele, os erros podem ser: transcrição fonética, hipercorreção, modificação da estrutura segmentação das palavras, uso indevido de letras maiúscula e minúscula, acento gráfico, sinais de pontuação e problema sintático. Para Cagliari (2004), o erro mais comum dos alunos é caracterizado por uma transcrição fonética da própria fala. Nos dados colhidos dos textos dos alunos estudados esse tipo de erro apresenta o maior número de casos, em todas as produções textuais encontrou-se esse tipo de fenômenos. Percebeu-se que os alunos utilizaram o seu dialeto como referência para grafia. O aluno escreveu “poco” para “pouco” por usar dessa forma na sua pronúncia, como tentativa de reprodução das formas orais. Este estudo não tem a pretensão de abordar todas as variações fonéticas e ortográficas presentes nos textos produzidos pelos alunos da escola pesquisada. Apresentará uma contribuição para o entendimento das inadequações mais comuns presentes nas produções de texto escrito. A análise será encaminhado pelos seguintes processos fonológicos:

1. **Síncope:** Supressão de letra no meio de uma palavra.
2. **Monotongaço:** apagamento da semivogal nos ditongos crescentes e decrescentes;
3. **Apócope:** Supressão de fonemas no fim das palavras.





4. **Troca de letra:** Caracterizam-se pela escolha de letra errada para determinado som. Outras trocas frequentes são entre *p/b,t/d,c/g*, ou seja, trocas entre consoantes surdas e mudas e sonoras.

5. **Erros de segmentação:** caracteriza-se, na escrita de textos, pela segmentação não convencional das palavras. Segundo Carraher (1985), esses erros são observados em duas categorias, podendo ser resultantes de **ausência de segmentação** (“aonça”, ” tipego”), ou de **segmentação indevida** (“a migo, “a legre”).

6. **Neutralização:** Neutralização das vogais anteriores /e/ e /i/ e das posteriores /o/ e /u/ em posição pós-tônicas.

TEXTO 1: *Dona Antônia relata que quando começo estuda não havia escola, as aulas acontecia na casa de seu avô que era bastanti longi, ela ia remando em um cascu de pracuba que era muito passado, dormi até tarde era raridade, mas gostava de escrever os textos que a professora paçava (...) por conta de um acidenti meu pai não quis deixa meus irmãos estudarem mais eles ficavam trabalhano no seringa e pelo tempo fui sosinha.*

Norma Culta	Ocorrência	Processo Fonético	Característica
Acidente Bastante Texto Longe	Acidenti Bastanti Textu Longi	Neutralização	Neutralização das vogais anteriores /e/ e /i/ e das posteriores /o/ e /u/ em posição pós-tônica
Sozinha	Sosinha	Troca de letra	Troca de letra no mesmo fonema /s/
Trabalhando	Trabalhano	Síncope	Supressão da letra /d/

TEXTO 2:

*No ano que fui estuda eu e minha família foi embora para o Xingu corta seringa, ai pronto eu não fui mais para escola, aprendi lê um pouco com meu pai que lia com dificultadi,*

Norma Culta	Ocorrência	Processo Fonético	Característica
Estudar Cortar	Estuda Corta	Apócope	Supressão da letra /r/
Pouco	Poco	Monotongação	Monotongação de /ou/ para /o/
Dificuldade	Dificudade	Síncope	Supressão da letra /l/

TEXTO 3:



Foi assim que comecei, era de casco remano por horas na beira do rio e as vezes tinha marezia, quando acabava as folhas que papal que meu país compravam na cidade, nos escreviamus em caixa de papelão e o carvão servia de lápis. Estudava apenas 10 alunos quando foi crescendo a quantidade de pessoas, mandaram mais uma professora (...)

A gente saia de casa de madrugada até o barraco que estudavamus.

Norma culta	Ocorrência	Processo Fonético	Característica
Remando	Remano	Síncope	Supressão do fonema /d/
Beira Caixa	Bera Caixa	Monotongação	Monotongação de /e i/
Estudávamos	Estudavamus	Neutralização	Neutralização da vogal /u/
Crescendo	Crecendo	Síncope	Supressão da letra /s/


Texto 4: Não me lembro muito de quando comessei estuda, mas me lembro que minha mãe queria muito que agente estudaci ela dizia que queria que nos fossem im portante.

[...] meu irmão tinha muito medo de i pra escola pelo caminho por conta de que aonça andava porali

Norma Culta	Ocorrência	Processo Fonético	Características
importar	Im portar	Segmentação indevida	Separação silábica de forma indevida
A onça Por ali	Porali aonça	Erro de Segmentação	Ausência de segmentação
Estudar Ir	Estuda I	Apócope	Supressão do fonema /r/ no final da palavra
Comecei	comessei	Troca de letra	Troca de letra no mesmo fonema

Texto 5: Hoje em dia fico observando meus netos eles colocam um monte de difucudade parair pra escola no meu tempo eu e os meus a migos gostavamus muito de ir pra escola era quando podiamus nos divertir

Norma padrão	Ocorrência	Processo fonético	Característica
Amigo Para ir Podia-nos	A migo Parair podiamus	Erro de segmentação	Segmentação indevida
dificuldade	dificudade	Síncope	Supressão do fonema /l/



Variações	Ocorrências
Monotongação	03
Síncope	05
Apócope	04
Segmentação	06
Neutralização	05
Troca de letra no mesmo fonema	02

De acordo com os dados das tabelas acima, observa-se ocorrência por transcrição da fala em todos os textos analisados. Os textos apresentam continuidade de ideias, Mas o fato que chama atenção, e que é ponto para essa pesquisa, são as marcas da oralidade presente na escrita. Exemplos de erros por transcrição da fala encontrados com frequência nos fenômenos pesquisados foram encontrados em maior quantidade a Síncope, que se caracteriza pela supressão de letra no meio da palavra. Tais erros estão relacionados á língua oral coloquial, em que é comum pronunciar (*dificuldade*) *dificuldade*, e a Apócope que se caracteriza pala supressão de letra no final da palavra, *brinca* (*brincar*), *falo* (*falou*). Outro ponto a ser levado em predominância dos erros de transcrição da fala é a influência da variação linguística, a qual costuma interferir mais na escrita dos alunos das classes populares, uma vez que a distância. Segundo (Barrera & Maluf,2004, p. 36) “[...] entre a lingugem culta veiculada pela escola e a lingugem das camadas populares, associada ao conflitos de valores, subjacentes a esses padrões linguísticas deferentes, pode ser visto como uma das causas do fracasso escolar das crianças proveniente das camadas populares”. Isso ocorre já que a escola, na maioria das vezes, desvaloriza a linguagem desses alunos, não trabalhando adequadamente as diferenças entre oral e escrita. Neste estudo, alguns erros de transcrição da fala encontrado com frequência e que evidenciam bastante a questão da variação linguística encontrado na Síncope (ex: *brincano*, *correno*, *remano* etc..) uma vez que faz parte da variante linguística usada pelas classes populares a omissão da pronúncia do “d” nessa forma verbal. É importante salientar que esse tipo de erro costuma ser duplamente estigmatizado pela escola, não apenas por sua incorreção ortográfica, mas também por ser indevidamente considerado como uma incorreção linguística.

### Considerações finais

Diante do que foi exposto neste trabalho, constata-se que a oralidade e a escrita têm a mesma importância como duas modalidades de usos da língua. O estudo da oralidade dentro das atividades





escolares se reveste de grande importância porque valoriza a textualização do aluno no seu cotidiano.

Não se concebe mais tratar os falares sob o ponto de vista dicotômico, como se fossem línguas diferentes, mesmo porque, dentro da mesma língua, existem formas de uso adequadas a cada situação dos níveis de linguagem. Segundo Marcuschi (2005 p.17), “as relações entre oralidade e escrita se dão num contínuo ou gradação, perpassada pelos gêneros textuais e não na observação dicotômica de características pares.”

De acordo com essa reflexão, a análise atenta dos textos revelou que, mesmo apresentando dificuldades, os alunos possuem habilidades e competências para escrever. Os textos comprovaram que a maioria dos alunos tem dificuldades em escrever segundo as normas ortográficas e que muitos deles ainda se baseiam nos saberes da oralidade na construção de suas hipóteses escritas, A análise dos textos comprovou que a maioria dos alunos apresentaram transposição da fala no uso da língua escrita

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAGLIARI, Luis Carlos. **Alfabetização e Lingüística**. São Paulo, Scipione, 1997.

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

BAKHTIM, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992

FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. São Paulo: cortez, 2011

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008

Da fala para a escrita: ed São Paulo: Cortez, 2010

Barrera, s. D & Maluf, M.R. (2004). **Varição linguística e Alfabetização: Revista semestral da Abrapee**, 8 (1), 35-46

Brandão, Helena H.N. **Analisando o discurso**. São Paulo Museu da Língua Portuguesa, 2009.